

ORDEM DE APRESENTAÇÃO ETAPA LAJEADO

1. UM NOVO DIA

Ritmo: Canção

Cidade: Estrela/RS

Letra e melodia: Nelson Souza

Piano e vocal: Diogo Matos

Acordeon: Guilherme Goulart

Bateria e vocal: Arison Marins

Violão e vocal: Emerson Martins

Contrabaixo: Lucas Esvael

Intérprete: Igor Tadielo

UM NOVO DIA

Sim,
Confesso que chorei,
Mas quem não chora!?
Todo suor que eu sangrei
Na corrente foi embora.

Quando a terra encharca e cresce o
rio,
E vejo meus pedaços rio afora
Confesso que chorei,
Mas quem não chora?!

Sim,
Entendo que caí,
Mas quem não cairia!?
Ver que o lugar que eu conheci
Já não mais existia.

Toda a força que a água tem
Não leva a esperança dos meus
dias,
Mas entendo que caí,
Quem não cairia?!

Sim,
É claro que rezei,
Quem não rezaria!?
Ergui a mão pro céu e supliquei,
Que a água baixe e a chuva estie.

Há quem perdeu o lar, a terra, o
pão...
Há quem perdeu a si, a vida, o
chão...
Por isso que eu rezei,
Quem não rezaria?!

**Mesmo com a lama sob os pés,
Mesmo tendo barro em nossas
mãos
O rio nunca levou a nossa fé,
A água trouxe mãos de
compaixão.
E ver reconstruir um novo dia
Inunda o rosto, agora, de alegria
Confesso que chorei,
Mas quem não chora?!**

2. O SONHO DA FLOR COLHIDA.

Ritmo: Milonga

Cidade: Passo Fundo/RS e Itaqui/RS

Letra: Henrique Fernandes

Melodia: Felipe Goulart

Violão: Márcio Rosado

Violão: Juliano Moreno

Contrabaixo: Aparicio Maidana

Gaita: Evandro Pires

Flauta: Gil Soares

Intérprete: Lu Schiavo

O SONHO DA FLOR COLHIDA

Terão outro destino
Estas flores de tapera...?
Que florescer na esperança
De adornar uma janela...
Junto ao cabelo negro
Que guarda olhos de espera,
Onde as mãos de um domador
Vem regalar primaveras.

A tapera viu passar
Outros tantos domadores
Que cruzaram pela estrada
No rastro dos corredores.
Todos se foram alo largo,
Sem se importar com as flores,
Que floriram na esperança
De compor outros amores.

Lembrou bem a primavera
-um humilde changueador-.
Quando cruzou na tapera
Para colher uma flor.

Andava longe das “casa”
Por se ajustar domador.
Trazia calos nas mãos,
Nos olhos calos de amor.

Fora feliz a “florzita”
Que em certo dia colhida,
Se fez lua nos cabelos
Em negras cerdas compridas.
Envolta à um pañuelo negro
Tão desgastado da lida;
Que o vento drapeja aromas
De eternas despedidas.

Outras tantas flores belas
Não tiveram a mesma sina:
Foram levadas a esmo
Junto a um fiapo crina.
E o sonho da flor colhida
Que cansou de ser teatina,
Renasceu cerzida ao pano
Dalgum vestido de china.

3. REDENÇÃO

Ritmo: Chamamé

Cidade: Encantado/RS

Letra e melodia: Fábio Tiecher

Violão nylon e arranjo: Fernando Graciola

Viola/Violão aço: Zoca Jungs

Acordeon: Ronison Borba

Percuteria: Maurício "Lito" Malaggi

Contrabaixo: Lucas Esvael

Intérprete: Fábio Tiecher

REDENÇÃO

Quando chega o outono,
já não tenho o mesmo sono,
Nem o mesmo despertar!
Quando olho pra essas águas,
não escondo minhas mágoas
Pelo que vi ali passar.

Foi da noite para o dia,
uma balsa de agonias,
num forçado navegar.
Era coisa, bicho e gente
que descia com a enchente,
Sem saber onde ia parar!

Ao som da correnteza,
Meu canto é refúgio de oração!

Num mundo de incertezas...
Alento pra buscar a redenção!

Mas o dia amanhece,
Coração que se aquece,
A aurora da esperança!
O temor vira coragem
Pra enfrentar essa passagem
E esse tempo de mudança.

Eu sei que não foi por nada,
A natureza mal tratada
Veio cobrar o seu preço.
Há uma conta em aberto,
Um futuro ainda incerto,
Mas desperta um recomeço!

4. DESERDADO

Ritmo: Mazurka

Cidade: Sant'Ana do Livramento/RS e Cruz Alta/RS

Letra: Leonardo Borges e Marçal Furian

Melodia: Juliano Moreno

Violão: Márcio Rosado

Contrabaixo: Aparicio Maidana

Gaita: Evandro Pires

Gil Soares: Flauta

Percussão: Leonardo Borges

Intérprete: Juliano Moreno

DESERDADO

Deserdado pelo tempo do que eu
tive

Em mim vive, a mais bruta solidão
O casco velho e os currais de beira-
estrada
Junto ao meu nada, são taperas de
ilusão.

Eu fui bem mais do que partilhas e
escrituras
Pelas planuras deste pago: -Bem
querer...
Eu que fui vento enredador de cola
e crina
Hoje sou sina que ninguém busca
entender.

**Sabe o mundo das origens dos
meus sonhos
Pelos rigores e os amores de
verdade,
-Que vou além do folclore mal
contado
Pois sou o passado disfarçado de
saudades!**

**Enserenadas são as lágrimas do
canto**

**Lembrando o campo a se fazer: -
imensidão...**

**Como pode os novos homens
deste tempo**

**Sem sentimento deserdarem o
próprio chão?**

Eu sei das vidas que passaram por
aqui

Até o guri que foi último a ir
embora...

Lembro-me bem dos domingos
balconeiros

E os caborteiros pateando o ferro da
espora!

Mas passou tudo e eu fiquei "solito
e Deus"

Já que os meus não pretendem
mais voltar

A estrada é a mesma em
redemunhos de saudade
Porém tudo é cidade sem
campeiros a cruzar...

5. ESTOURO DA CUSCADA

Ritmo: Milonga

Cidade: Westfalia/RS e Estrela/RS

Letra: Felipe Correa

Melodia: Vinícius de Freitas

Violão e vocal: Vinícius de Freitas

Gaita: Cleisson Mezacasa

Contrabaixo: Lucas Silva

Cajon: Ermindio Soares

Intérprete: Diego Rodrigues

ESTOURO DA CUSCADA

Tenho uns "bordoga campero"
Quatro ou cinco ovelheiros
Oigalê cusquedo bom
Pra tirar o boi do mato
Hay costeio se desato
Um brasino cimarron

Não gosto de judiaria
Mas fiz noite virar dia
Na várzea do Castelhana
Quando larguei o sovêu
Ainda ouvindo o tropel
De um bragado australiano

Tenho um lote de cachorro
Isso pra mim é um socorro
Quando grito "olha a pegada"
Hay perro que não se finda
E eu acho coza bem linda
O estouro da cuscada

Um lindo galgo brasino
Comprido dos quarto fino
Não tem ouvido a imundícia
O lombo é uma foice
Depois que tomou uns coice
De um matungo da polícia

Tem de tudo quanto é pelo
Uma baia faz sinuelo
E leva os outros de atrás
Por viver sempre no cio
Trás até um "pudeul" vadio
Da filha do capataz

Tenho um lote de cachorro
Isso pra mim é um socorro
Quando grito "olha a pegada"
Hay perro que não se finda
E eu acho coza bem linda
O estouro da cuscada

6. DEPOIS DA LÁGRIMA

Ritmo: Aire de Zamba
Cidade: Porto Alegre/RS
Letra: Cesar Gomes
Melodia: Matheus Alves

Violão: Matheus Alves
Baixo fretless: Carlos de César
Bombo Leguero: Bruno Coelho
Flauta: Texo Cabral
Intérprete: Ângelo Franco

DEPOIS DA LÁGRIMA

Depois da lágrima
Cada pedaço do rosto
Judiado por sentimento
Aonde a mágoa atravessa
Fica sulcado, com o tempo

Esses prantos que castigam
-Sabe-se lá por que vêm-
Nem Deus, ao certo, queria
Cobrar tal preço de alguém

Mas lágrima, depois da “enchente”
Respira um ar de mudança
E a alma, em tempo aberto
Renasce em paz e esperança

Esse é o ciclo da vida
Que faz morada e tapera
Que desbota o frio de agosto
Precedendo a primavera

Por isso, cada pedaço
Judiado por sentimento
Se a história nunca apaga
Nos reerguemos com o tempo.

7. MENSAGEIRO DA ALEGRIA

Ritmo: Milonga Canção

Cidade: Estrela/RS e Arroio do Meio/RS

Letra: Waldir Luiz Silveira

Melodia: Alvaro Silveira

Violão: Halber Lopes e Álvaro Silveira

Contrabaixo: Michel Nunes

Acordeon: Jarbas Nadal

Intérpretes: Matheus Pimentel Nunes e Trio Peregrinos: (Jaerson Martins, Dionathan Farias e Xuxu Nunes)

MENSAGEIRO DA ALEGRIA

Do horizonte a Horizontina,
Sua arte nos fascina
E a história não lhe esquece...
Pois a vida, ao percebê-la,
Batiza com luz de estrela,
O artista que merece.

Mensageiro da alegria,
Com canções e poesia,
Que mundo afora se ouviu
E nas Searas dessa terra,
Em Santa Helena da Serra,
Sua emoção nos seduziu.

THÊ LOCO! CANTA COMIGO
AQUELA CANÇÃO DO AMIGO
QUE A CASTELHANA
APRENDEU...

EM CADA CANÇÃO NATIVA
A TUA ARTE SEGUE VIVA,
- O BIRIVA NÃO MORREU!

O timbre da sua voz,
Encantava todos nós
Com um talento só seu...
E a sua doce alma boa
Alegrava as pessoas
Com o dom que Deus lhe deu.

As canções ganham sentido
Se quem canta é envolvido
Pela emoção que ele sente...
E cantando o Rui reparte,
Os frutos da sua arte
Com a alma de sua gente.

8. CAMPO ENCHARCADO

Ritmo: Milonga

Cidade: Bagé/RS

Letra e música: Lucas Gross

Guitarron: Danner Marinho

Violão: Lucas Gross

Violão e Vocal: Odair Teixeira

Cordeona: Mauro Silva

Contrabaixo: Aparício Maidana

Intérpretes: Lucas Gross, Mauro Silva e Danner Marinho

CAMPO ENCHARCADO

Choveu a semana inteira
Foi bem mais do que o previsto...
E o campo todo encharcado
Pede ajuda a São Francisco...

Faz dias que eu não escuto
O cantar da passarada
Casereando nos seus ninhos
Sem sol pra adornar carinhos
Nem ver a poeira da estrada...

O padrilho no galpão,
Resmungando de pelo fino...
Invejando a liberdade
Que engrossa o pelo brasino!

E o touro costeia a cerca
Como quem pede por Deus...
O medo pesa nos "ombros"
E cada raio, um assombro,
Que converte o mais ateu!

Juntei égua e juntei vaca
Sem medir força com o tempo...

Assim mantenho o sustento
Nesses 'fundão' de meu Deus.

Já perdi vaca pesada,
Também éguas de respeito!
Por isso cuido o que tenho,
E o que vou deixar pros meus!

Choveu a semana inteira
E o campo é prece que berra
Mesclando vento e relinchos,
A força bruta da terra!

É a vida que se repete,
E todo ano é assim,
Quando se escapa do que maio,
O junho encontra o meu baio
Forçando pata por mim!

Quem sabe logo o sol volte,
Seque a alma destes fundos.
E o bico da passarada
Imite o assovio da estrada,
Descasque um cantar fecundo!

9. ROSARIANDO

Ritmo: Milonga

Cidade: Estrela/RS

Melodia: Carlos Joel da Silva

Intérprete: Diego Rodrigues

Violão e vocal: Vinícius de Freitas

Gaita: Cleisson Mezacasa

Contrabaixo: Lucas Silva

Letra: David Castilho Gomes/Pedro Jeisson Quines Gomes

ROSARIANDO

Rosário Grande um dia ficou pra trás
Por que o destino me exigiu que fosse assim
E enforquilhado no flete dos meus anseios
Toquei por diante sonhos que haviam em mim
Eu que conheço teus silêncios hoje entendo
O grito mudo dos que partem sem voltar
E estrada fora leva imagem das retinas
De quem já parte com ânsias de regressar
Quando bombeio pra o futuro que me cabe
Sorvo num mate as esperanças e me aprumo
E a lo largo ensimesmado em confidências
Vou rosariando esta milonga pros meus rumos

Rosariando ou campereando meus anseios
Trago no peito a terra buena onde eu nasci
Pois os valores que norteiam meus instintos
Foi na querência de Rosário que aprendi
Retrilho o rumo de horizontes e distâncias
Com a certeza de que volto qualquer dia
Pra me apear e beber na concha da mão
A água benta do velho Santa Maria
Pra me apear e beber na concha da mão
A água benta do velho Santa Maria

Existem coisas que se aprende e é pra sempre
Tal qual um rio quando se aparta da vertente
Mesmo sabendo que o destino leva embora
Carrega o sonho de regressar a nascente
Sou eu o filho que volta porque precisa
Pra te rever trago vivências e lonjuras
Campeando alento carregado de esperanças
Venho estropiado de saudades e amarguras
Eu me prometo que a força dos teus silêncios
Há de encontrar-me cruzando o santa maria
E ao te rever Rosário das minhas ausências
Renovo a alma e me refaço em alegrias

Rosariando ou campereando os meus anseios
Trago no peito a terra buena onde eu nasci
Pois os valores que norteiam meus instintos
Foi na querência de Rosário que aprendi
Retrilho o rumo de horizontes e distâncias
Com a certeza de que volto qualquer dia
Pra me apear e beber na concha da mão
A água benta do velho Santa Maria
Pra me apear e beber na concha da mão
A água benta do velho Santa Maria

10. QUARENTA E POUCOS CRUZEIROS

Ritmo: Milonga

Cidade: Vera Cruz/RS e Sant'Ana do Livramento/RS

Letra: Evair Suarez Gomez

Melodia: Edilberto Bér gamo

Arranjo: Edilberto Bér gamo

Violão: Matheus Alves

Violão: Jonas Cândido

Contrabaixo acústico: Carlos de César o

Recitado: Evair Suarez Gomez

Interpretação e Gaita Ponto: Edilberto Bér gamo

QUARENTA E POUCOS CRUZEIROS

São trinta e cinco centavos
Mais quarenta e seis cruzeiro
E abotoando a guaica
Me fui sentando no arreio
Despido pago e estrada
Poncho dormindo na anca
Espora cantando a trote
Junto a um estribo, campana

Meu mouro tronco machete
Troteava com pouca gana
E a noite negra maleva
De a pouco engolia pampa
Pescar luas em canhada
Pastorear alguma estrela
Pra guardar junto à guitarra
Os silêncios de um pena...

Talvez... talvez juntando as
pobrezas
Dos cobres que "tão" guardado...
Erga manso um rancho bueno
Nalgum pedaço de quadro...

Enquanto a coruja pia
Meu mouro troca orelha
Canta um grilito no chero
Um sapo contra ponteia

Despido junto à guaica
Quarenta e poucos Cruzeiro
Encho de estrela os caminhos
Pelo chispar do palheiro

Ei de cortar algum caibro
Santa Fé e pontaletes
Erguer um rancho totora
Com uma varanda pra frente
Parelhito, bom de quinha
Qual o toso do meu mouro
E fitar o olhar da Chica
Pedindo ela em namoro

Quarenta... quarenta e poucos
cruzeiro
O que arrumei no despido
Vou erguer um rancho totora
E abandonar os caminhos...

11. MEU AMIGO CANARINHO

Ritmo: Milonga

Cidade: Lajeado/RS

Letra: Ismael Antônio Vannini

Melodia: Atahualpa Maicá

Violão e vocal: Fernando Neves Soares

Violino: Cristine Vasconcellos

Acordeon cromático: Celso Metzdorf

Contrabaixo: Marcos José Alves de Lima

Intérprete: Atahualpa Ottonelli Maicá

MEU AMIGO CANARINHO

Neste dia afortunado meu quintal tem cantoria
Pequena ave dourada morava ali eu nem sabia
Maestro no gorjeio agora já tem o seu ninho
Sempre será bem vindo meu amigo canarinho

Canta todo dia na grandiosa epopeia
O nobre passarinho sem aplauso e nem plateia
Parece dono do mundo vai da terra até o céu
Não se faz de rogado é o patrão do escarcéu

Por certo ele nem sabe o quanto lhe quero bem
Queria eu também o mundo sem maldade
Cantar sem pretensão e viver sem a vaidade
Abre o peito canarinho canta, canta liberdade

Não carece de gaita nem mesmo de guitarra
E vai fazendo a farra na majestosa melodia
Vai a noite vem o dia na sua casa sem tramela
Sem telhado nem janela e tão feliz por ironia

Tenho inveja canarinho da tua vida de pachola
Não é rico não é pobre e nem canta por esmola
Não sofre da cobiça e devaneios do capricho
Canta, canta amigo bicho o teu canto me consola.

12. SALSO CHORÃO

Ritmo: Milonga

Cidade: Cachoeira do Sul/RS

Letra: Carlos Eduardo Nunes

Melodia: Matheus Bica e Ezequiel da Rosa

Violão e solo e vocal: Halber Lopes

Violão base e vocal: Igor Tadielo

Baixo e vocal: Xuxu Nunes

Violino: Pedro Kaltbach

Gaita: Jarbas Nadal

Intérprete: Matheus Pimentel

SALSO CHORÃO

O salso sempre chorou
Desde que era sombra mansa,
Do brinquedo das crianças,
Do mate de mão em mão.
Tinha a única intenção,
Ser a sombra do ranchito,
Mas nunca chorou solito,
Chorava até sem razão...

...Viu o piazote crescer,
Pegar o rumo da estrada,
Viu a coxilha povoada
Ganhar o nome de Vila.
Porém, nunca viu na vida
Uma enchente igual a essa:
Aguaceiro que empeça,
Feito lágrima escorrida...

Chorou o salso chorão
Choraminguando sua mágoa,
Viu o ranchito nas águas,
Nos braços da correnteza...

...Não teve ele a destreza
De lhe abraçar em seus galhos.
Soube que o homem é falho
Mas não falha a natureza...

...O salso sempre chorava
Choramingos de alegria,
Mas também de nostalgia
De alguém que, um dia, partiu...
Chorou mesmo quando viu
Derrubarem o angico...
Chorava ao jogarem lixo
Pelas encostas do rio...

Até o zaino da carroça
Se perdeu nesse imprevisto.
Um dilúvio jamais visto
Nem em outra geração...
...Ficou o salso chorão
Fazendo jus a seu nome
E assinou o sobrenome
Chorando na solidão...